

555
Ciclo Gutenberg

1ª Sessão expositiva | **REGISTO DE VIVER** | de Alberto Pimenta

FICHA TÉCNICA:

Conceito e Curadoria Geral / Carlos Cabral Nunes
Autoria e Desenvolvimento artístico da sessão / Cabral Nunes & Nuno Espinho
Participação especial / Manuel João Vieira, João Pinto & JPS,
João Garcia Miguel e Vitor Rua
Desenvolvimento multimédia, design e direcção de Produção / Cabral Nunes
Produção / Nuno Espinho, Graça Rodrigues, Mafalda B. Neves
Comunicação e Web / Graça Rodrigues
Montagem / Cabral Nunes, Nuno Espinho, Graça Rodrigues, Mafalda B. Neves

Realização, Edição e Montagem Audiovisual / Cabral Nunes
Captação e Edição Sonora / Cabral Nunes, Nuno Espinho da Silva

APOIOS

Verde-Alface - Catering | Atelier António Moreira - Serigrafia.

Perve Galeria | Alfama
Rua das Escolas Gerais nº 17, 19 e 23
1100-218 Lisboa | Portugal
T. (+351) 21 8822607
galeria@pervegaleria.eu

Perve-CeutArt | Alcântara
Avenida de Ceuta, Lote 7, Loja 1
1300-125 Lisboa | Portugal
T. (+351) 912521450
perve-ceutart@pervegaleria.eu

Horário: **2ª a Sábado** (incluindo feriados) | **14h às 20h**

www.pervegaleria.eu

© Perve Galeria / Colectivo Multimédia Perve - 2010



555
Ciclo Gutenberg

2ª Sessão expositiva

DÉDALO-DÉCADA DE ALFAMA

por

Cabral Nunes & Nuno Espinho
Colectivo Multimédia Perve

FOLHA DE SALA

Inauguração, 15 de Março 2010
com a presença dos autores
e dos convidados a intervir:

Manuel João Vieira, João Pinto & JPS,
João Garcia Miguel e Vitor Rua

durante a sessão é lançado livro-objecto da 1ª sessão
e apresentado proto-livro-objecto da actual sessão

patente até 10 de Abril

Perve Galeria

Rua das Escolas Gerais nº 19
1100-218 Lisboa | **ALFAMA - JUNTO À IGREJA DE STº ESTÊVÃO** | T. 21 8822607
galeria@pervegaleria.eu | www.pervegaleria.eu

Texto Preliminar sobre o 555

A primeira impressão da Bíblia, por Gutenberg em 1455, não sendo, de facto, a primeira impressão feita por ele, uma vez que dez anos antes já havia impresso o “poema do juízo final”, marca a humanidade com um novo paradigma de transmissão cultural que se prolongou e amplificou até aos nossos dias ou, para ser mais exacto, pelo menos até 1971, ano em que, curiosamente, nasci e nascia também uma revolução que hoje ameaça destronar a imprensa: o livro digital. Facto incontornável para análise da mudança civilizacional que se verificava à época e persiste é esse primeiro livro digital ser a declaração de independência dos Estados Unidos da América, um texto que também pode ser lido à luz da religiosidade com que o cidadão médio daquele país encara o seu papel no mundo - central. A questão que encerra estas linhas é, precisamente, a mudança de paradigma de transmissão cultural em curso desde que essa publicação digital se tornou realidade. É sabido que presentemente a internet, os telemóveis e demais tecnologias vêm substituindo a comunicação impressa e que, segundo dados de 2009, o livro electrónico começa a ganhar espaço de afirmação, não obstante os equipamentos de leitura não estarem uniformizados e o seu custo ser elevado (por não estarem ainda no domínio da massificação industrial que reduz, como se sabe, custos de produção e distribuição com impacto significativo no preço final das coisas). E isto numa fase embrionária, diria, da própria tecnologia: sabe-se para breve a comercialização de papel electrónico que mudará, certamente, a forma de consultarmos livros e de os fazermos, uma vez que será passível de armazenar grande quantidade de informação e ser igualmente capaz de assimilar a manuscrita tratando-a digitalmente. Para além das novidades que a indústria digital já está a aportar: da nova geração de computadores funcionando com recurso à nano tecnologia e a sistemas ternários de computação (evolução gigantesca dos actuais sistemas binários que se tornaram imediatamente obsoletos), passando pelos inovações nos equipamentos móveis de acesso a conteúdos na Internet, cada vez mais acessíveis quer em custo para o utilizador, quer em operacionalidade facilitada para todo o tipo de públicos. Isto para não falarmos da revolução seguinte, que começará daqui a quase nada, que é a robotização: pelo que me foi dado ver em Linz, na Áustria, em Setembro último, numa conversa que mantive com Iroshi Ishiguro, investigador sénior na Universidade de Osaka, e o geminóide H1, seu clone robotizado, será, de facto, uma nova forma de comunicar, interagir e, para o que aqui interessa, de suporte, chamemos-lhe assim, para transmissão-difusão cultural.

Quererá isto dizer que da capicua 555 passaremos para a seguinte, vulgo número bíblico da besta? Ou, antes nos afastamos deste (se olharmos a história no seu

o que aqui interessa, de suporte, chamemos-lhe assim, para transmissão-difusão cultural.

Quererá isto dizer que da capicua 555 passaremos para a seguinte, vulgo número bíblico da besta? Ou, antes nos afastamos deste (se olharmos a história no seu sentido inverso)? Não sei mas julgo fundamental reflectirmos sobre qual dos caminhos seguir e, precisamente por isso, considero pertinente organizar o “555 – Ciclo Gutenberg”, ao longo deste ano, juntando autores de várias gerações e linguagens numa criação-discussão ampla, multidisciplinar, transversal, para servir de ponto de partida para (re)começos de algo perene. Assim foi a 1ª sessão expositiva, “Registo de Viver” de e com Alberto Pimenta, autor cuja intervenção é fundamental apreender para se estabelecer uma visão macro do nosso sistema artístico, poético e social. Desta sessão, que durou apenas 5 dias, fica um objecto artístico em edição limitada que, espero, possa vir a ser um dia realmente avaliado na sua verdadeira dimensão (anti)épica que nos mostra a sociedade contemporânea face ao abismo civilizacional onde nos metemos. E a resposta? Talvez arrear caminho ou retirar de dentro de nós as asas aprisionadas e libertarmo-nos num voo por sobre ele.

Sobre DÉDALO-DÉCADA DE ALFAMA

É uma colectiva de artes visuais e performativas, alinhado vertentes de carácter tecnológico, por via do multimédia interactivo, que reúne, de forma antológica e documental, obras realizadas no âmbito das iniciativas organizadas pelo Colectivo Multimédia Perve na última década. Sendo uma associação sem fins lucrativos, fundada em 1997 na Amadora, após a sua instalação em Alfama, criou bases necessárias à constituição da Perve Galeria, o que aconteceu em Novembro de 2000, tendo sido, desde essa altura, responsável pelos projectos especiais da galeria e pela sua direcção artística.

Iniciativa que esperamos relevante, não apenas do ponto de vista simbólico, na medida em que os trabalhos realizados se inscrevem numa historicidade pouco comum, infelizmente, no que toca a galerias de arte, uma vez que aqui não subjaz univocamente um caminho comercial, antes sendo preponderante a iniciativa eminentemente artística e cultural sem fins lucrativos e, mais ainda, não sendo esta subsidiária de verbas públicas, porquanto a galeria tem funcionado como seu mecenas exclusivo.

Em preparação para ser lançado na 3ª sessão do Ciclo Gutenberg: livro-objecto que fixa em CD recolha etno musical realzada em Moçambique; um outro CD com Trilogia de Arte Global; CD-Rom (interactivo) sobre Artur Bual, inédito desde a sua conclusão em 2001, altura em que somou os maiores prémios nacionais e internacionais; Serigrafia dos autores, em edição imitiada; Livro-objecto antológico sobre o Colectivo Multimédia Perve e a sua década labiríntica.